



CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE ILHÉUS - CESUPI
COLEGIADO DE PSICOLOGIA

CAIO FOEPPPEL DIAS PEREIRA

**DA MONOGAMIA À NÃO-MONOGAMIA: EXPLICAÇÕES, DISCUSSÕES E
PROPOSIÇÕES**

Ilhéus
2024

CAIO FOEPPEL DIAS PEREIRA

**DA MONOGAMIA À NÃO-MONOGAMIA: EXPLICAÇÕES, DISCUSSÕES E
PROPOSIÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ilhéus -
CESUPI, como parte dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em
Psicologia.

Orientador(a): Profa. Me. Maria da
Conceição Almeida Vita

Ilhéus
2024

**DA MONOGAMIA À NÃO-MONOGAMIA: EXPLICAÇÕES, DISCUSSÕES E
PROPOSIÇÕES**

CAIO FOEPPPEL DIAS PEREIRA

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Prof^a. Me. Esp. Maria da Conceição Almeida Vita)

Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Prof^a. Dra. Luciana Ferreira Chagas)

Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Prof^a. Me. Alba Mendonça Alves)

Ilhéus
2024

AGRADECIMENTOS

O interesse pelo estudo da psicologia apareceu cedo, já aos doze ou treze anos, quando na passagem para a adolescência algumas questões como o porquê de determinadas pessoas terem certos comportamentos, o que está envolvido nas decisões que tomamos na vida e como eu enxergava minhas angústias se fizeram presentes. Naturalmente minha curiosidade me levou não só para a psicologia, mas também para o estudo da psicanálise, onde pretendo seguir e me aprofundar durante o resto da vida. Durante esse tempo, algumas pessoas têm atenção especial na qual eu gostaria de evidenciar através desses agradecimentos.

À meus pais, como figuras presentes na minha vida desde o começo, por vezes apoiando minhas decisões e por outras receosos sobre meus caminhos, mas que ao longo dos anos aprendemos juntos, eu incluso, a confiarmos na minha capacidade, sabedoria e visão de futuro, eu agradeço. Minha vó Raymunda, minha parceira de casa (ou no caso, eu como parceiro de casa dela) e companhia do cotidiano. Somos muitos parecidos, ao ponto tal em que estamos sempre juntos mas cada um no seu mundo interno dentro de casa, se ajudando no que for possível. Que ela saiba e perceba o cuidado que eu tento ter com ela a cada dia, ainda que dentro das minhas limitações.

Agradeço aos meus amigos mais próximos, Matheos e Helena, que têm sido presença em minha vida já há quase quinze anos, por toda a paciência e companheirismo durante todo esse tempo, além do apoio sempre que os desafios da vida apareceram. Que possamos continuar a ser companheiros de vida e que vocês jamais sintam que não possam contar com a minha presença para ser afeto.

Por fim, agradeço imensamente à minha orientadora Conceição Vita, que foi e continua sendo uma das minhas grandes referências de psicóloga, psicanalista e professora. Nossa parceria para a composição desse trabalho foi leve e de enorme aprendizado para mim, e aprender sobre o fazer psicológico, em aula, e psicanalítico, através dos estágios e supervisões e durante todos esses semestres, fez toda a diferença para que eu tivesse maior confiança sobre o profissional que eu quero ser. Que ela sinta minha eterna gratidão pela doçura dedicada à mim através dos diversos elogios, incentivos e apostas acerca do meu fazer acadêmico e clínico.

RESUMO

Partindo da história da monogamia e de um estudo psicanalítico sobre o estabelecimento desta, bem como as justificativas possíveis para a sustentação deste modelo relacional, este trabalho versa sobre a não-monogamia aparecer cada vez mais presente de forma recente nas sociedades ocidentais, partindo da história da monogamia e de um estudo psicanalítico sobre o estabelecimento desta, bem como as justificativas possíveis para tal. O objetivo geral é compreender a mudança de paradigma nas relações amorosas contemporâneas. O trabalho utiliza do método descritivo e exploratório para análise crítica do material que versa sobre a consolidação da monogamia, bem como do modelo hipotético-dedutivo para formular considerações possíveis para novos entendimentos acerca da não-monogamia. Com o estudo realizado, foram explicitados fatos acerca do funcionamento da espécie humana e das civilizações primitivas, na forma de organizações familiares e práticas sexuais. Também são evidenciados textos que justificam como se deu a formação de tais famílias, do estabelecimento do sexo como tema tabu, bem como do porquê, segundo a psicanálise, o modelo monogâmico funcionava como resposta à satisfação das pulsões sexuais. Como resultados esperados, foram considerados principalmente a contribuição social para redução do preconceito e maior aceitação dos novos modelos de relacionamentos amorosos, enquanto que na esfera psicanalítica, a possibilidade de novas discussões acerca do tema serem desenvolvidas, visto que é uma questão de alta relevância e presença no ocidente e no Brasil.

Palavras-chave: Relações contemporâneas; Modelos relacionais; Psicanálise; Modelos familiares;

ABSTRACT

Starting from the history of monogamy and a psychoanalytic study on its establishment, as well as possible justifications for the maintenance of this relationship model, this thesis verses about the increasing presence of non-monogamy in recent times in Western societies, starting from the history of monogamy and a psychoanalytic study on its establishment, as well as possible justifications for it. The general objective is to understand the paradigm shift in contemporary romantic relationships. This thesis uses a descriptive and exploratory method for a critical analysis of the material concerning the consolidation of monogamy, as well as the hypothetical-deductive model to formulate possible considerations for new understandings of non-monogamy. Through the study conducted, facts about the functioning of the human species and primitive civilizations were elucidated, in terms of family organizations and sexual practices. Papers are also presented in order to justify how such families were formed, the establishment of sex as a taboo subject, and why, according to psychoanalysis, the monogamous model functioned as a solution to the satisfaction of sexual drives. As expected results, the social contribution to reducing prejudice and greater acceptance of new romantic relationship models were primarily considered, while in the psychoanalytic sphere, the possibility of new discussions on the topic being developed was highlighted, as it is a matter of high relevance and presence in the West and in Brazil.

Keywords: Contemporary relationships; Relationship models; Psychoanalysis; Family models;

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
1 DA MONOGAMIA À NÃO-MONOGAMIA.....	10
1.1 MONOGAMIA: MODELO PADRÃO DE SE RELACIONAR?.....	11
1.2 A PULSÃO SEXUAL VERSUS A MONOGAMIA.....	13
1.3 O DISCURSO NÃO-MONOGÂMICO CONTEMPORÂNEO.....	15
2 A MUDANÇA DE PARADIGMA.....	17
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Nos coletivos sociais contemporâneos, percebe-se uma mudança importante numa prática considerada por muitos povos como fixa e engessada, enraizada: a monogamia. A mudança a que se refere é a frequência, cada vez maior, nas sociedades contemporâneas ocidentais, da formação de um novo modelo relacional: a não-monogamia.

O primeiro passo é o de entender de que forma chegou-se à monogamia. Ela de fato é tão antiga e praticada de forma tão extensa pela espécie humana? Como será explorado neste trabalho, a monogamia não era um modelo clássico nem se trata de uma configuração própria da espécie humana, mas sim um caso de necessidades individuais, culturais, sociais e políticas, e estudos históricos darão conta de explicar o porquê.

Já no segundo plano da pesquisa, será necessário estabelecer o motivo da monogamia ter funcionado até então e se esta afirmativa é de fato verdadeira. A busca por tal compreensão se dará via psicanálise, que vai nos fornecer subsídios extensos, na forma de estudos acerca de desejo, pulsão, recalque e outros, tendo como base os textos de Sigmund Freud (1856 - 1939), e outros textos psicanalíticos contemporâneos.

Os objetivos deste trabalho tornam-se evidentes na sequência: após uma contextualização histórica, busca-se entender quais as possíveis justificativas para a monogamia ter sido usada como modelo padrão até então, discutir sobre estes novos modelos de relacionamentos, como eles aparecem, que discursos os sustentam e de que forma se dá seu fortalecimento, a fim de elaborar melhor os tabus que cercam as práticas relacionais e sexuais percebidas atualmente no ocidente.

Parte-se da ideia de que precisa-se entender de que forma a monogamia exerceu sua força sobre os indivíduos ao longo da história. Se fatores como a traição estiveram presentes nos relacionamentos, há de se concordar que algo do desejo por aquele outro que não faz parte da sua conjugalidade também esteve sempre presente. Sendo assim, as discussões psicanalíticas a serem percorridas sobre o tema tentarão entender de que forma Freud elaborou sobre a monogamia, não citando-a diretamente, visto que ele não dá atenção significativa direta para esse tema em seus trabalhos, mas através das noções de desejo, castração, complexo de Édipo, totem e tabu e outros próprios da psicanálise.

Tópicos como estes são de grande relevância social, visto que argumentam sobre a vida dos indivíduos na contemporaneidade e discutir sobre os mesmos esclarece e elabora sobre questões atuais, com implicações para diversas áreas do funcionamento humano. Aliado a tal fato, os estudos acerca dos novos modelos de relacionamentos ainda estão escassos se comparados a quanto estas práticas já estão presentes, sobretudo nas sociedades ocidentais.

A construção deste trabalho foi feita em caráter descritivo e exploratório, visto que os objetivos tratam não apenas de saberes postos, mas também de questões sociais contemporâneas que, por estarem em pauta em diversas discussões recentes, ainda não são encontradas em materiais acadêmicos de forma abundante.

O método hipotético-dedutivo foi utilizado para nortear as discussões que serão apresentadas a seguir, visto que o problema definido permite a elaboração de hipóteses que buscarão entendê-lo e, se possível, solucioná-lo com uma explicação plausível seguindo a lógica psicanalítica.

Sobre as hipóteses em questão, estas são as de que existiram sistemas relacionais não-monogâmicos desde as primeiras organizações da espécie humana; a de que o estabelecimento da monogamia como modelo padrão tem explicações que estão atreladas a sistemas de produção e controle social, principalmente a partir da lógica do Catolicismo e, mais para frente, do Capitalismo; e de que as justificativas trazidas pela psicanálise para o funcionamento da monogamia como solução para a satisfação da pulsão sexual de alguma forma, no mundo contemporâneo, tem perdido força e cedido lugar a uma nova lógica social.

Foram selecionados textos de autores contemporâneos que versam sobre temas como casamento, relacionamentos, sexo, família, estruturas sociais; bem como autores clássicos e modernos da psicanálise e de trabalhos sobre estabelecimento dos modelos familiares, como os de Friedrich Engels (1820 - 1895).

Para realizar os estudos críticos e hipotéticos sugeridos, foram escolhidos trabalhos como monografias atuais, apresentadas já em 2023; artigos científicos e revistas, que versam principalmente sobre monogamia, psicanálise e como ambos se envolvem; e, não menos importante, monografias no todo, na forma de livros que novamente tratam de assuntos afins aos discutidos neste trabalho.

2 DA MONOGAMIA À NÃO-MONOGAMIA

Em uma análise histórico-política, Dandara Abreu, em “Não-Monogamia: Uma perspectiva ético-estético-política” (2023) demonstra como com o passar dos anos e a modernização das sociedades e das vidas dos indivíduos, os conceitos relacionados a famílias e a relacionamentos passaram por atualizações que refletem o sentimento e a expressão subjetiva da vida pessoal de cada ser humano; no mundo contemporâneo globalizado, existem diversas formações de famílias e de relacionamentos que não mais seguem aquele modelo inicial de homem, mulher e filhos.

Acerca disso, Castro *et al* (2018) apresenta de forma muito clara a noção de que o amor, além de ser uma construção social, é uma invenção do indivíduo que reflete seus desejos pessoais, não necessariamente baseada no convívio com o parceiro ao lado. A ideia acerca das necessidades singulares amorosas de cada indivíduo é outro passo significativo para a compreensão do fenômeno dos novos modelos relacionais.

É importante fazer uma distinção entre a não-monogamia e outros termos como a bigamia, poligamia, poliamor etc. A não-monogamia, como a construção implica, refere-se a qualquer tipo de relação que vá no sentido contrário à monogamia, ou seja, um indivíduo em relacionamento com uma única pessoa. Sendo assim, abarca todos os tipos diferentes de relações amorosas, funcionando como termo “guarda-chuva”. Dito isto, as discussões organizadas de forma expressiva sobre a não-monogamia aparecem no final dos anos 1990. (Abreu *apud* Bornia Jr, 2023).

Apesar de não ser uma prática nova, sobretudo no ocidente esta sempre foi considerada tabu, principalmente quando se pensa no aspecto sexual dos relacionamentos amorosos, bem como em termos do reconhecimento legal da união entre duas pessoas, ou seja, o casamento. As legislações sempre foram rígidas no sentido de reconhecer apenas a união entre duas pessoas como casamento, de certa forma estando posto como lei que aquela deveria ser a configuração ideal. Junto a isso, para as sociedades antigas, a ideia de ter um casamento e manter relações sexuais com uma ou mais pessoas de fora deste era visto como traição e como pecado gravíssimo de adultério. (Azevedo, 2018 e Abreu, 2023).

2.1 MONOGAMIA: MODELO PADRÃO DE SE RELACIONAR?

Segundo Cesar *apud* Carter e Mcgoldrick (2018), o ser humano, como espécie que tem por prática comum a organização em sociedades, compõe uma série de grupos e instituições sociais. A primeira a ser experimentada, já ao nascer, e talvez aquela que tenha maior presença durante a vida da grande maioria das pessoas, é a família. Dito isto, não há possibilidade de escolha quando se trata da participação ou não em uma instituição familiar, a não ser pelo casamento. (Cesar, 2018).

Os relacionamentos amorosos, a partir da organização da humanidade pelo menos desde o Feudalismo, seguiram uma espécie de padrão pré-determinado: um homem e uma mulher que se juntam em moradia, relacionam-se e produzem filhos. O casamento marcava então a transição para a vida adulta. De acordo com Azevedo (2018), no início da civilização ocidental, era comum as pessoas se casarem por motivos da ordem da segurança física, bem como a procriação, alimentação, moradia e demais necessidades básicas da vida sedentária.

Segundo Ryan e Jethá (2019), o que considera-se acerca do estabelecimento da monogamia e de sua prática pela espécie humana, onde no senso comum julga-se tal como sendo um modelo básico desde sempre, é falso. Foram feitas pesquisas e investigações históricas em tribos indígenas, tribos primitivas de diferentes partes do planeta, revisões de literatura e questionamentos filosóficos acerca das postulações de Charles Darwin (1809 - 1882) e do Evolucionismo e uma informação interessante foi encontrada pelos autores:

Uma grande quantidade de pesquisas em primatologia, antropologia, anatomia e psicologia aponta fundamentalmente para a mesma conclusão: seres humanos e nossos ancestrais hominídeos passaram quase todos dos últimos milhões de anos em bandos pequenos e íntimos, em que quase todos os adultos mantinham várias relações sexuais em qualquer período. (Ryan e Jethá, 2019, p. 19)

Sendo assim, pode-se perceber que o comportamento comum acerca da sexualidade humana era o oposto ao que se pensava originalmente. Diversos historiadores, cientistas e antropólogos encontraram relatos ricos em descrições de orgias ritualísticas, parceiros (as) sendo compartilhados e tudo isso sem o menor problema nestas sociedades, na forma que não havia culpa com a sexualidade aberta (Ryan; Jethá, 2019). Tais comportamentos são observados até os últimos dez mil anos, coincidindo com o surgimento da agricultura e da propriedade privada.

As formulações dos autores em questão coincidem com os estudos e postulações acerca da formação da família, posto em foco por Friedrich Engels (1820-1895) em 1884, na obra “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”. Engels também considerou que as formas primitivas de sexualidade humana estavam muito claramente definidas, ao realizar um estudo histórico e antropológico, onde havia novamente a multiplicidade de parceiros e a efemeridade de relações vinculantes de um indivíduo com outro único. Ele se referiu a tais práticas como a “promiscuidade” (Engels, 1964). Pelo uso do termo, confirma-se o pensamento social da época sobre a temática e o porquê de tentar deixá-la intocada.

De todas as ideias apresentadas por Engels em sua obra, a que mais interessa a este trabalho é sobre a consolidação da monogamia. Com a instituição da propriedade privada, surgiu então na sociedade a necessidade de herdeiros, de perpetuação daquela propriedade e de prosperar e produzir sobre ela. Assim, não fazia sentido manter relacionamentos com diversas pessoas, visto que isto apenas faria com que houvesse disputa e eventualmente uma difusão daqueles bens para diversas fontes diferentes. Com isso, a monogamia focada na produção de herdeiros fora estabelecida (Engels, 1964).

Em uma lógica completamente contrária à onda monogâmica que vinha sendo mais e mais aceita com o fortalecimento do capitalismo e a acumulação e centralização de riqueza, povos indígenas sustentavam seus modelos não-monogâmicos tradicionais de forma natural. Tal processo é discutido por Geni Núñez na obra “Descolonizando Afetos” de 2023.

Em um dos pontos do livro, a psicóloga, escritora e ativista indígena fala sobre a ideia de que apesar dos povos indígenas serem vistos como atrasados e que atrapalham o progresso das sociedades contemporâneas, aquilo que só recentemente começa a ser discutido no ambiente dominante já é percebido e aplicado pelos povos tradicionais há muito tempo: o “direito elementar ao próprio tempo emocional” (Núñez, 2023). Tal escrita é trazida como ponto contrário à ideia de que não-monogamia seja “coisa da moda” ou ideia contemporânea, principalmente como mais uma noção que invisibiliza as resistências indígenas frente às monoculturas.

2.2 A PULSÃO SEXUAL VERSUS A MONOGAMIA

Com a mudança de foco e nas configurações de relacionamentos que houve na estruturalização das sociedades contemporâneas modernas, o ser humano abdicou de uma condição que comprovadamente parecia mais próxima do seu natural, na forma da pluralidade de parceiros (as), da “promiscuidade” sexual; e passou a suprimir tais desejos em função da manutenção de sua propriedade pessoal. Sobre essa relação do ser humano com seus desejos, Sigmund Freud (1856-1939) tem muito o que falar.

Em Totem e Tabu, Freud estuda a relação de povos tradicionais com o mito, as leis e os costumes regidos por estes. Por tabu, entende-se “toda uma série de restrições a que se submetem esses povos. Isso ou aquilo é proibido, não sabemos por quê, [...]eles apenas as cumprem como algo óbvio.” (Freud, 2012, p. 29).

A não-monogamia está presente como um dos grandes tabus presentes nas sociedades modernas (pré-contemporâneas). Isto talvez se dê ao fato de que a instituição familiar é vista como um totem, ou seja, algo sagrado e reverenciado (Freud, 2012); família esta que, de acordo com conceitos que são carregados por alguns até hoje, consolidou-se pela monogamia. Quando este totem familiar foi erigido, uma das leis que este mantém é a de que o homem só tomaria como esposa uma mulher.

Não existem trabalhos de Freud que tratem diretamente da monogamia, porém esta aparece como tema de forma indireta, principalmente ao discutir-se os princípios do prazer e as satisfações pulsionais. Na obra dele, o ponto necessário chave relacionado foi de que forma o homem dava conta de lidar com a supressão desse desejo reprimido de ter várias parceiras (os). Primeiramente, há de se entender que o funcionamento psíquico está regulado por uma economia de energia, que varia de acordo com o atendimento ou não de uma pulsão. Caso haja a satisfação desse desejo na forma de pulsão, ou seja, de um movimento a realizar determinada ação que não se sabe a origem ou o porquê do mesmo, pode-se considerar uma economia positiva de energia (Freud, 2010).

No oposto, há de se considerar que é dificilmente sustentável, para um indivíduo, viver sempre sem a satisfação de suas pulsões. Nesse sentido, ele carece de encontrar ou de desenvolver uma justificativa, um substituto psíquico que o sustente na insatisfação das referidas pulsões. Para Freud (2010), a monogamia

atua desta forma; é um mecanismo que visa suprimir desejos inconscientes “promíscuos” do sujeito, funcionando como fonte de satisfação substitutiva à original.

O que se busca entender agora então é de que forma essa satisfação substitutiva tem deixado de atender às demandas pulsionais dos sujeitos. Em “Freud e o Casamento” (2023), Moreira faz uma conexão entre estudos psicanalíticos e as relações matrimoniais, de que forma estas eram vistas pelos psicanalistas clássicos, como os casamentos (principalmente *cisheteronormativos*) têm se articulado na contemporaneidade e tópicos relacionados ao feminismo.

A autora expõe de forma clara o quanto as noções do papel feminino e da família mudaram ao longo dos séculos. Em Borsa e Feil *apud* Lévi-Strauss (2008), é evidenciado que família é o termo usado para definir um grupo proveniente de casamento, onde há um marido, esposa e filhos provenientes da união. Baseado em tal ideia, solidificaram-se as demais noções relacionadas à família, como ser pai, mãe, esposa e marido. Borsa e Feil (2008) afirmam ainda que a maternidade era a única função valorizada socialmente ao longo da história.

A psicanálise em primeiro plano parece concordar com essa ideia, onde uma das postulações iniciais da mesma acerca do matrimônio é a de que “O casamento mesmo não está assegurado enquanto a mulher não conseguir fazer do seu marido também seu filho e agir como mãe em relação a ele” (Moreira *apud* Freud, 2023).

É preciso entender então que apesar da problemática gerada pela conferência citada (Moreira, 2023, p. 20), muito do que foi posto inicialmente pela psicanálise teve caráter crítico e indagatório, a fim de questionar o porquê de tais atributos estarem associados a determinados indivíduos. E quando esse papel de mãe e cuidadora é elencado à esposa, para quem resta o papel de mulher dentro do relacionamento? A condição de servidão que apenas um lado desempenha no casamento (Moreira, 2023, p. 95) “abre uma brecha” para a busca da mulher, outra, que não esteja como mãe nem como doméstica para seu esposo, mas como parceira sexual e romântica.

A submissão feminina, que parecia ser condição intrínseca aos casamentos pré-feministas (Moreira, 2023), e a confusão de papéis presente em tais relacionamentos, serviu como nova justificativa para a busca (nesse ponto da história, de forma não-combinada, por vezes velada e quase sempre infiel) de novas parceiras sexuais.

2.3 O DISCURSO NÃO-MONOGÂMICO CONTEMPORÂNEO

Estando postas as origens históricas da monogamia e de que forma esta interage com a subjetividade humana e se faz presente nas satisfações ou não dos desejos do inconsciente humano, conforme postulado em Freud, é preciso buscar entender de que forma acontece o “surgimento” das discussões do modelo não-monogâmico presente na contemporaneidade.

Em Abreu (2023) é possível notar algumas das principais modificações culturais que evidenciaram um movimento de liberdade e expressão subjetiva individual mais permissiva para os indivíduos, processos estes que vêm acontecendo há algumas décadas, como:

[...]a promulgação da lei do divórcio nos anos 1970, o reconhecimento do casamento homoafetivo, o reconhecimento de paternidades extraconjugais etc. Reconfigurações exigidas para a manutenção da monogamia ante as demandas dos movimentos de emancipação feminina, por direitos da comunidade LGBTTIAP+ e dos movimentos negros. (Abreu, 2023, p. 19).

Também já havia sido discutido, por Jurandir Freire Costa em “Sem Fraude Nem Favor”, de que forma o ideal romântico e o amor estavam associados a ideias como a exclusividade sexual, o deslocamento total do desejo para a pessoa amada, a exigência de uma correspondência única e sentimentos considerados plenos, mágicos e estáticos. (Costa, 1998).

Com o tempo, percebeu-se que esse ideal romântico, que pregava o amor livre, na verdade tratava-se de uma liberdade completamente alienada. E, lembrando dos movimentos de expressão e de garantia de direitos evidenciados por Abreu anteriormente, o questionamento posto por Costa no final do capítulo “Utopia Sexual, Utopia Amorosa” do livro já citado traz uma reflexão imprescindível para as discussões sobre a presença das novas formas de amor contemporâneas, evidenciadas pela não-monogamia: “Trata-se de perguntar se não podemos reinventar um modo de amar menos trágico, heroico ou dramático e mais à altura de nossa liberdade.” (Costa, 1998, p. 75).

É possível fazer uma análise clara de alguns pontos contidos na frase extraída de Costa (1998); noções clássicas acerca dos relacionamentos estão presentes na mesma: o amor trágico é aquele que estava associado ao eterno, à estagnação em termos de movimento de mudança. O matrimônio, como pensado pela lógica católica dominante, é uno em quase todos os aspectos: um(a) parceiro(a), uma família, um objetivo comum.

O amor heroico, muito associado aos papéis de homem e mulher já discutidos em Moreira (2023), em que este homem provedor e chefe da casa é figura singular e referência de atuação e vivência para todos em seu ambiente familiar, o grande herói que é discutido de forma mais estruturada pelas teorias de Jung do que as psicanalíticas; ou o dramático evidenciado pela clássica noção do “até que a morte nos separe”, seja em termos de Shakespeare (1564 - 1616), com Romeu e Julieta, poeticamente inspirado ou inspirador da lógica católica usada e proferida até os dias atuais nas cerimônias de casamento das sociedades dominantes, visto que para povos tradicionais como os indígenas, toda uma outra lógica acerca da separação está presente (Abreu, 2023).

As ideias evidenciadas acima foram sendo reformuladas e ressignificadas com o passar da história. Movimentos como o feminismo, que já foi discutido neste trabalho anteriormente, foi um dos grandes incentivadores das maiores mudanças, bem como as questões étnico-raciais e de gênero.

A pergunta “para quem é a monogamia” é feita e respondida por Abreu (2023) ao lembrar que aquela foi utilizada também como ferramenta de colonização e, no contemporâneo, é ainda marca da colonialidade. A lógica que subjaz é que as relações de poder são características do casamento e da família, e “[...]a família modelo monogâmica é branca, cristã, cis-heterossexual e afirma o trabalho como caminho do enriquecimento, sinônimo de sucesso” (Abreu, 2023, p. 36). Sendo assim, é possível pensar que os indivíduos que não se encaixem em qualquer desses grupos citados, ou seja, brancos, cristãos, cisgêneros ou heterossexuais tenham maiores inclinações ao rompimento com o modelo pré-estabelecido, visto que este, como colonialista, remete a histórias de sofrimento, segregação e violação de direitos.

3 A MUDANÇA DE PARADIGMA

A busca pelo entendimento acerca da aparente mudança de paradigma de um modelo relacional padrão para outros novos pode ser abordada e explorada sob diversas óticas. A primeira delas a ser considerada é a da renúncia pulsional, conceito discutido por Freud em alguns de seus textos. Em seguida, a quebra dos tabus aliado às novas lógicas de relacionar-se; a exploração de possibilidades relacionais e a forma como se busca o outro; a quais estruturas de poder os discursos monogâmicos e não-monogâmicos servem; qual dos modelos prevalece e quais as possíveis visões do futuro para a coexistência dos modelos relacionais.

De início, como lembrado por Amaral e Chaves (2016), em “O Futuro de uma Ilusão”, escrito em 1927, Freud aponta o fato de que a base que constitui a vida em sociedade é a renúncia. Aliado a isto, já foi discutido neste trabalho a forma como a monogamia, para a psicanálise, apresenta-se como a satisfação pulsional que o indivíduo obtém ao “abdicar” do desejo por múltiplas(os) parceiras(os), adotando este modelo relacional como “perfeito”, por mais que este vá contra seu movimento inconsciente.

No mundo contemporâneo, muito do que já foi considerado tabu pelas sociedades clássicas é abertamente discutido e exposto pelas mídias de forma extensa. Em um movimento de expressões livres, aquilo que antigamente era reprimido, hoje, em grande parte do globo, é incentivado e ressignificado. Marcos importantes como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), o *Woodstock Music & Art Fair* (1969), as diversas ondas do movimento feminista, as alterações na Classificação Internacional de Doenças de 1990 e 2018, pela Organização Mundial da Saúde, que deixaram de considerar a homossexualidade e a transexualidade respectivamente como doenças são alguns dos exemplos de mudanças e movimentos culturais nos últimos cem anos que ajudaram a evoluir as expressões subjetivas sexuais, individuais e culturais para a contemporaneidade.

Sendo assim, desejos, orientações sexuais e dissidências de gêneros que precisavam ser reprimidas por proteção pessoal, seja por legislação contrária, pressão social ou por ser considerado patologia, deixaram de ter esses status. Esse raciocínio demonstra que os próprios movimentos citados trouxeram a noção de liberdade que começa a ser discutida no ocidente, ainda que em outros termos, desde a Revolução Francesa que teve início em 1789.

Se essa nova lógica pode ser considerada como posta, existente e presente nas sociedades, ainda que de forma até então menos extensa, há de se considerar que tal movimento esteja sendo visto e discutido por outros grupos que se identifiquem ou não com estes. O pensamento de que não precisaria-se “viver de renúncias” e que as individualidades precisam ser respeitadas influencia e desperta até no maior dos conservadores algum tipo de sentimento, seja ele negativo ou positivo, mas despercebida essa noção não passa, muito menos é ignorada.

É possível imaginar que a partir da última década do século XX, com mais dos movimentos citados se fortalecendo e conquistas sendo feitas em relação às diversas esferas das expressões subjetivas dos indivíduos, uma verdadeira crise dos tabus clássicos estava em questão. As mulheres não mais estavam convencidas de que por alguma pré-disposição divina ou biológica eram estes seres instintivamente maternais e cuidadores; os homossexuais e *queers* não mais eram considerados como doentes pela medicina e psicologia; gêneros fora da esfera binária sentiam-se livres para manifestar-se e o racismo era cada vez menos tolerado.

O terreno social estava fértil para novas ideias associadas a como deveria-se viver, pensar, agir e gozar. Claro, nada do que é citado aqui apareceu e se consolidou de forma rápida, simples e sem desconforto ou agitação social. No entanto, voltando ao foco da não-monogamia, esta também vê um ambiente mais propício para começar a se apresentar como mais uma forma de relacionar-se, não-submetida aos tabus impostos socialmente, seguindo uma nova lógica amorosa.

Pensar que seria possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo é algo que rompe com uma norma que era seguida na maioria das sociedades ocidentais há muitos séculos. Manter um casamento e constituir família com mais de uma pessoa é uma lógica contra-capitalista que desafia até os mais brandos dos capitalistas clássicos. E a noção de promiscuidade como citada por Engels (1964) voltava com toda força frente ao pensamento predominantemente católico ainda estabelecido até o presente momento. E em meio a todos esses contras, aqueles que vivem diferentes modelos relacionais, exploram novas formas de buscar o outro.

As novas formas de amar e desejar, presentes na não-monogamia, trazem considerações importantes também para aqueles que não estão inseridos nessa lógica. Fala-se sobre respeitar o espaço individual, amar sem ter obsessão sobre, construir juntos até onde faça sentido, entender que o objeto amoroso não é uma posse, mas sim quem deseja estar junto de forma genuína. São ideias possíveis de

se ter em relacionamentos monogâmicos, mas que a história e as experiências ouvidas em clínica revelam ser, ainda, raridade.

Não presume-se defender aqui, no entanto, que tudo é perfeito e sabido em um modelo ou em outro. Apesar de ser de grande valia fazer uma conexão entre os sentimentos relacionados aos modelos relacionais, há de se lembrar que todo fato social é político. Onde antes o discurso monogâmico servia aos interesses econômicos, religiosos, sociais, políticos, culturais e governamentais das sociedades tipicamente clássicas ocidentais, a não-monogamia apresenta novos discursos que também servem a seus próprios interesses.

Quando um casamento entre duas pessoas é oficiado, quem se beneficia disso? Os recém-casados, por estarem de forma pública e reconhecida, juntos em união legal; a família, por assegurar sua continuidade na expectativa de que daquele relacionamento hajam filhos (independente da orientação sexual do casal); a sociedade, que condensou as vontades, desejos e competição por objetivos diferentes em um conjunto, reduzindo a pressão social sob os demais; o Estado, porque um casamento é um processo legal que além de pago, constrói uma nova instituição que está regida pelo mesmo; e os demais pontos apresentados como fortalecedores da monogamia discutidos anteriormente neste trabalho, como o capitalismo, na forma da acumulação de riquezas e o catolicismo, como manutenção de um de seus princípios fundamentais.

E os discursos da não-monogamia, a quem ou a o que servem? Como fenômeno que tem um aparecimento tão recente na contemporaneidade, tais inferências ainda são incertas e/ou especulativas. No entanto, os movimentos de liberdade de expressão subjetiva acabam seguindo linhas de defesa de valores aproximadas: a valorização do eu, o rompimento com padrões pré-estabelecidos, a tentativa de uma nova forma de se fazer política. E com política aqui, lê-se organização social, movimentos culturais, relações de poder entre similares, afastando-se um pouco da noção pura de que fazer política é governar.

O discurso de rompimento com a monogamia e a defesa das “novas” formas de amar acompanha grandes movimentos: o feminismo, o antirracismo e o *queer*, como já dito anteriormente. Os principais membros dos grupos acima buscam, na forma da exigência de respeito e do direito à expressão, uma forma de estarem vistos e postos na sociedade. Como visibilidade permite que a voz de seus representantes seja ouvida por mais pessoas, isso confere a tais grupos um poder e

uma presença maior nas esferas sociais, governamentais, econômicas e, é claro, políticas. E como tudo é política, nada mais certo e justo do que essa busca de poder e local de fala nas questões sociais que tais indivíduos também vivenciam e são comumente invisibilizados.

Em relação à não-monogamia, ainda que existam e estejam mais comuns parceiros heterossexuais que também a adotem, as formas de amor livre estiveram mais presentes historicamente nas relações que envolvam as demais sexualidades. Hardy e Easton, em “Ética do amor livre: Guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas” (2020) versam de forma extensa sobre como elas observaram e vivenciaram o amor livre dentro das comunidades feministas e LGBTQIAPN+ ao longo dos anos. Sendo assim, ainda que de forma indireta, a não-monogamia se beneficia também do ganho de poder político que tais grupos adquiram, visto que o sentimento social e as legislações podem ser mudadas para abraçar as diferentes liberdades afetivas.

Os avanços citados acima são inegavelmente reconhecidos em sua importância para o sentimento de comunidades vivendo em sociedade de forma menos hostil e mais acolhedora. No entanto, tal avanço certamente não indica o fim dos debates e das moralidades rígidas a que determinadas seções sociais estão submetidas.

Há de se considerar que, no contexto deste trabalho, que é o de entender de que forma o modelo relacional típico monogâmico têm cedido espaço para os novos relacionamentos, não pretende-se ignorar a realidade: a monogamia é e possivelmente continuará a ser o padrão seguido pela maioria. A presença da não-monogamia não ameaça a inexistência nem é impossibilitada de coexistir com a monogamia, bem como não ameaça nenhum contrato social ou modelo econômico, seguindo a mesma lógica expressada por Jurandir Freire Costa em “A inocência e o vício” (1992) ao tratar da presença da homossexualidade frente a cisheteronormatividade (CFP *apud* Rios, 2011).

Um ponto que precisa ser levado em conta também é o de diferenças geracionais. Nunca na história houve uma diferença de culturas tão grande na passagem de uma ou duas gerações para a atual: por mais clichê que seja mencionar tal fato, a internet, a globalização e o avanço tecnológico dos últimos anos é responsável pela maior revolução de padrões e costumes que a humanidade

possivelmente já vivenciou. As formas de se relacionar com outros indivíduos também não escaparam de tais mudanças.

Onde anteriormente era necessário estar fisicamente no mesmo lugar com alguém para conhecer-se e ter contato, atualmente o grande número de usuários de aplicativos de relacionamento simplificam esses passos trocando informações e interesses virtualmente antes de um encontro físico. Talvez o maior destes aplicativos, o Tinder, é conhecido de forma ampla até por não-usuários.

Na plataforma em questão, existem opções de customização para o perfil que indicam em que cada usuário está interessado, sendo uma destas opções, a da forma de relacionar-se. E é aqui que volta-se para o ponto de apesar das discussões atuais, ainda estarmos sujeitos em maior parte ao pensamento monogâmico.

Em uma publicação de 2023, a *Tinder Newsroom*, veículo de informação de notícias e pesquisas do Tinder, publicou dados de uso do aplicativo onde 52% das pessoas da Geração Z, ou seja, aquelas atualmente entre 18 e 25 anos de idade, tem intenção de ter um relacionamento monogâmico, enquanto que 41% tem intenção de ter um relacionamento aberto ou não-monogâmico (Tinder Imprensa, 2023).

A preferência dos jovens pela monogamia pode acender um ponto de questionamento acerca da real difusão de pensamento que consideramos sobre as liberdades afetivas e o quanto esse movimento está de fato sendo identificatório para as pessoas, mas há de se lembrar que a geração atual ainda está submetida e foi educada pela geração anterior, seus pais e avós, que estavam muito mais subjugados às lógicas tradicionais; além disso, 52% é uma porcentagem muito baixa se comparada a alguns anos atrás, onde se houvesse a possibilidade de tal pesquisa ter sido feita, com certeza números de representatividade da monogamia seriam mais expressivos.

O que nos resta considerar é como visualizar um futuro possível onde diferentes liberdades afetivas coexistem de forma mutuamente respeitosa e sem a tentativa de supressão umas das outras. Essa é uma armadilha clássica das linhas de raciocínio que demoram para considerar os históricos presentes em qualquer fato social: quase um quarto do século XXI já se passou e ainda não existe universalmente o respeito à liberdade de expressão, vida e cuidado com pessoas dissidentes de gênero, não-héterossexuais, pessoas pretas, indígenas ou outras minorias (até quando nomear-se-á tais grupos como minorias?).

Sendo assim, o papel de ciências como a antropologia, sociologia, psicologia, pedagogia, história e demais cursos que são da ou flertam com a esfera humana do fazer científico, é o de considerar que o enfraquecimento da monogamia é pensada como rompimento, se considerar-se que “nascemos monogâmicos” e os outros modelos relacionais aparecem como modo de movimento contrários dos indivíduos a essa lógica quase genética e geracional. Essa é uma lógica que é entendida e aceita sobre as questões de sexualidade e ajuda a evoluir a luta contra a homofobia, porém há mais opções a serem exploradas sobre a não-monogamia.

A ideia mais sustentável, na verdade, é a de que aprende-se a ser monogâmico. De certo, assim como aprende-se principalmente pela observação a forma de andar, agir, falar etc, desde cedo aprendemos também como amar. A família tipicamente tradicional do casal hétero ainda é a que mais tem a presença de filhos, enquanto que as novas configurações familiares buscam por direitos um pouco mais básicos, como reconhecimento legal de suas uniões ou a visibilidade de sua existência, como lembramos ser o caso em Hardy e Easton (2020).

Pode-se pensar então que, ainda que até hoje exista um atraso no Direito e no pensamento social, inclusive pelas burocracias relacionadas à adoção por configurações familiares fora do modelo tipicamente tradicional, e a maior parte de nós continue a nascer, crescer e aprender a amar dentro da lógica monogâmica, as subjetividades individuais já estão postas e são vistas.

As expressões sociais dos grupos que romperam com lógicas tradicionais citados ao longo deste trabalho nunca foram tão observáveis, as discussões sobre relacionamentos abertos, sobre viver seus desejos e a naturalização dos amores livres que respeitem os corpos e as individualidades nunca estiveram tão em alta. Espera-se que, num futuro que antigamente era considerado utópico toda vez que falava-se de viver com respeito às subjetividades pessoais, alcancemos o ponto de não mais nos incomodarmos com quem ou com quantos indivíduos as pessoas se deitam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linha de raciocínio buscada durante este trabalho foi a de compreender como tem acontecido a aparente evolução de pensamento sobre as formas de se relacionar. Onde antes considerava-se apenas um modelo padrão que julgava-se estar posto historicamente desde sempre, revelou-se através de estudos de povos tradicionais que a monogamia não só não era padrão como era incomum em sociedades pré-modernas.

A mudança desse modelo passar a ser padrão concomitantemente a uma organização social maior, à concentração de poder pela instituição da Igreja Católica e à acumulação de riquezas que pode ter seu pensamento inicial traçado até pelo menos, o final do Feudalismo e isto não se dá por mera coincidência. Observou-se também com os postulados de Engels (1964) que a configuração familiar “certa” para os interesses econômicos, sociais e religiosos das sociedades ocidentais da época era o modelo monogâmico.

Com a evolução das questões relacionadas às expressões individuais dos sujeitos e com as conquistas de direitos e despatologizações de meras subjetividades que vem sendo alcançadas nos últimos cinquenta anos, aliado às novas configurações e entendimentos sociais forçadas pela adaptação à tecnologia e ao mundo globalizado, os rompimentos com diversas lógicas tidas como padrão até então, estão mais comuns.

Acerca de algumas dessas questões que passam a ser visíveis mais recentemente, a psicanálise tinha um entendimento mais claro desde a incorporação do conceito de pulsão; com este, pôde-se adentrar os estudos de sexualidade e gênero pelo viés psicanalítico, legitimando tais individualidades como intrínsecas do funcionamento pulsional do sujeito. Naturalmente, o mesmo conceito dá conta de entender as expressões das diferentes formas de amar contemporâneas.

No entanto, a forma em que a não-monogamia se apresentava na época da criação da psicanálise e das discussões trazidas pelos Seminários de Lacan era completamente diferente de como ela se apresenta na contemporaneidade, portanto, é necessário pensar se não é de valia que novos autores estejam estudando e fazendo psicanálise, não em uma lógica substitutiva ao que já está posto, mas a fim de contribuir e complementar conceitos, atualizando-os.

Dito isso, considerar-se-á para o futuro que as pessoas deixarão de viver agrilhoadas às renúncias pulsionais que antes mantinham-nas aceitas, porém

subjugadas a seus meios de convivência. Pelo contrário, caminhamos para uma evolução de pensamento onde o respeito às subjetividades é o mais buscado e desejado para uma melhor qualidade de vida.

Apesar disso, ainda há resistência de grupos que sustentam pensamentos sociais, políticos e religiosos que desejam manter tabus e comportamentos tradicionais, numa ilusão de ameaça à sua “moralidade”. Por conta disso e por mudanças serem feitas de forma gradual, ainda estaremos na lógica da monogamia por um tempo, mas como foi evidenciado, talvez não demore muito para que as novas gerações se permitam novas formas de amar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Dandara Freire Allemão de. **Não-Monogamia**: uma perspectiva ético-estético-política. 2023. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- AMARAL, Felipe Barata; CHAVES, Ernani Pinheiro. Freud, Dostoevski e a ética da renúncia. **Clínica & Cultura**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 53-61, [S.l.] 2016.
- AZEVEDO, Renata. **O relacionamento do início da civilização Ocidental até os dias de hoje**. 2018. Disponível em:
https://psico.club/conteudo/o_relacionamento_do_inicio_da_civilizacao_ocidental_at_e_os_dias_de_hoje/725/65. Acesso em: 08 nov. 2023.
- BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O PAPEL DA MULHER NO CONTEXTO FAMILIAR: uma breve reflexão. **Psicologia.Com.Pt**, [S. l.], v. [], n. [], p. 1-12, jun. 2008. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar**. N.I. Ed. Artmed, 1995, 2ª Edição.
- CASTRO, Luciana da S.; KINN, Valdir G.; SILVA, Brenda A. F. da. **A EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES AMOROSAS EM UM CONTEXTO DE “AMOR LIVRE E AMOR LÍQUIDO”**. 2018. Disponível em:
<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2018/3%20-Mostra%20de%20Trabalhos%20da%20Gradua%C3%A7%C3%A3o%20e%20P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o/Resumos%20Expandidos/A%20EVOLU%C3%87%C3%83O%20DAS%20RELA%C3%87%C3%95ES%20AMOROSAS%20EM%20UM%20CONTEXTO%20DE%20%E2%80%9CAMOR%20LIVRE%20E%20AMOR%20L%C3%8DQUIDO.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.
- CESAR, Claudia Cacau Furia. **A vida das famílias e suas fases: desafios, mudanças e ajustes**. N.I. Disponível em:
<https://www.familia.med.br/imagens/file/A%20vida%20das%20familias%20e%20suas%20fases.pdf>
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.**

Trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. Rio de Janeiro:

Editorial Vitória Ltda, 1964.

FREUD, Sigmund. **Freud (1912-1914) - Obras completas volume 11:** totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo:

Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Freud (1917-1920) - Obras completas volume 14:** história de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARDY, Janet W.; EASTON, Dossie. Quem pratica promiscuidade com ética? In:

HARDY, Janet W.; EASTON, Dossie. **Ética do amor livre:** guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas. [S.l.]: Elefante, 2019.

p. 1-13. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=NF_0DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=relacionamentos+abertos&ots=-bJBmYiXz0&sig=squ9XySDCFmXTiSR1KXG7e5mVxk#v=onepage&q&f=false)

[BR&lr=&id=NF_0DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=relacionamentos+abertos&ots=-bJBmYiXz0&sig=squ9XySDCFmXTiSR1KXG7e5mVxk#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=NF_0DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=relacionamentos+abertos&ots=-bJBmYiXz0&sig=squ9XySDCFmXTiSR1KXG7e5mVxk#v=onepage&q&f=false).

Acesso em: 25 maio 2024.

Relacionamentos em 2023 assumem diversas formas, e membros do Tinder estão dizendo “sim” para todas possibilidades. 2023. Tinder Imprensa.

Disponível em: <https://br.tinderpressroom.com/news?item=122537>. Acesso em: 25 maio 2024.

MOREIRA, Maíra Marcondes. **Freud e o casamento:** o sexual no trabalho de cuidado. São Paulo: Autêntica, 2023.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando Afetos:** experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

. O poder do grande Outro. **Cogito**, Salvador, v. 11, p. 26-28, out. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2024.

RIOS, Luis Felipe. A prática psicológica e a sexualidade como categoria de

subjetivação. In: PSICOLOGIA, Conselho Federal de. **Psicologia e Diversidade**

Sexual: desafios para uma sociedade de direitos. Brasília: Liberdade de Expressão, 2011. p. 27-39.

RYAN, Christopher; JETHÁ, Cacilda. **Sexo Antes de Tudo.** Domingos Martins:

Pedrazul Editora, 2019.